

Egg, M. 2021. Aspectual Composition: “Drinking (A Glass of) Milk”. D. Gutzmann; L. Matthewson; C. Meier; H. Rullman & T. E. Zimmermann (Eds.). *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed.). Vol. 1. Hoboken: Wiley, pp. 91-120.¹

Inês Cantante²

cantante.ines@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

O capítulo *Aspectual Composition: “Drinking (A Glass of) Milk”*, da autoria de Markus Egg, pertence ao livro *The Wiley Blackwell Companion to Semantics*, uma obra composta por cinco volumes, que consiste numa coletânea de estudos que abrangem uma vasta gama de temas de investigação atual em semântica. O texto sobre o qual agora se reflete está localizado no primeiro volume da obra, partilhando as suas páginas com outros, que com ele facilmente se conciliam – e complementam – como o são, por exemplo, o capítulo de Michael Johnson, relativo ao tema da Composicionalidade, ou o de Susan Rothstein, com enfoque na distinção entre nomes massivos e contáveis.

Este capítulo, em particular, discorre – como o próprio nome indicia – sobre o tema da composição aspetual, apresentando uma perspetiva completa, onde não são raras as incursões a outras obras de referência no domínio do Aspeto. O texto está dividido em 7 partes, sendo finalizado pelos devidos agradecimentos e uma vasta lista de referências bibliográficas.

O autor começa por introduzir o tema (Parte 1), com uma breve, mas clara, apresentação do problema. Servindo-se dos exemplos que estão na base da sua reflexão (*drink a glass of milk*, ‘beber um copo de leite’, e o contraste com *drink milk*, ‘beber leite’), Egg introduz a noção de Aspeto (cf., entre outros, Vendler 1967 e Moens & Steedman 1988) como tratando-se de um conjunto de “properties of “predicates”, in particular, verbs and their

¹ Este trabalho foi apoiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal) e pelo CLUP - Centro de Linguística da Universidade do Porto (FCT-UIDB/00022/2020) através da Bolsa de Doutoramento 2021.04998.BD.

² Estudante do 3.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

projections” (Egg 2021: 92), apresentando, assim, o principal objeto de estudo do seu trabalho – embora aborde, também, como veremos adiante, questões relativas aos sintagmas nominais. Apresenta, ainda, a questão da telicidade das eventualidades, i.e., o facto de estas apresentarem ou não um ponto que marca o seu fim, mencionando que esta pode ser avaliada através dos testes de compatibilidade com adverbiais temporais (em concreto, o contraste entre *in x time*, ‘em x tempo’ – compatível com eventualidades télicas, e *for x time*, ‘durante x tempo’ – compatível com eventualidades atélicas). Um outro conceito fundamental para a compreensão do texto, e que é exposto neste momento, é o de tema incremental (cf. Verkuyl 1972, Dowty 1979, Krifka 1989, 1992, 1998): uma entidade que é processada de forma, precisamente, incremental e que, por esse motivo, poderá (e deverá) influenciar a classe aspetual final das eventualidades; são, neste caso, tomados como exemplo os verbos de movimento e os *Degree Achievements* (cf. Dowty 1989, Kennedy 2012, Kennedy & Levin 2008, Kennedy & McNally 1999, e.o.). Penso tratar-se de uma introdução bastante completa, onde se abordam, de forma superficial, todas as questões de fundo que vão orientar o capítulo.

A segunda parte do capítulo descreve, de uma forma mais detalhada, o tema da composição aspetual, definida como a “joint determination of the aspectual class of a constituent (here, consisting of a verb and its complement)” (Egg 2021: 93), discutindo quais os elementos relevantes para o estabelecimento da classe aspetual da eventualidade, e de que forma se consubstancia essa relevância. Esta secção, por sua vez, subdivide-se em duas subsecções, a primeira das quais debate os vários tipos de argumentos com relevância para a determinação do aspeto: objetos diretos, argumentos de *path* (caminho) e de grau e, por fim, argumentos opcionais com relevância aspetual. Parece-me que a introdução desta última questão realmente acrescenta valor ao capítulo já que, ao discutir a diferença entre argumentos obrigatórios e opcionais, no momento de estabelecer a classe aspetual, promove a reflexão do leitor, aumentando o seu grau de envolvimento na leitura. A segunda subsecção da segunda parte do capítulo é bastante menor, e serve, essencialmente, para defender a ideia de que, apesar de haver, na literatura, diversas tentativas de categorização verbal – que poderiam acarretar consequências em termos da respetiva categorização aspetual –, estas não deverão ser encaradas de forma independente dos seus argumentos e do contexto, particularmente na presença de operadores aspetuais. Assim, o autor define, neste momento, “predicates as verbs and their projections, and larger constituents that include them” (Egg 2021: 102).

Na terceira parte, o autor explica as bases semânticas necessárias para a compreensão da composição aspetual. Mais especificamente, o autor apresenta as noções básicas utilizadas

na classificação aspetual (como, por exemplo, a distinção entre eventualidades pontuais ou com extensão no tempo, i.e., duração), discutindo, também, a semântica de SNs complexos, como o que avalia: *a glass of milk* ('um copo de leite'). A ideia que defende é a de que, em particular, *um copo de leite* não deverá ser interpretado, no contexto da sua análise, no sentido estrito, antes representando uma função de medição (que expressa, neste caso, a quantidade de leite necessária para encher um copo). O autor acaba esta secção com a revisão de alguns conceitos importantes para a composição aspetual, nomeadamente a oposição cumulativo-quantizado, tanto no domínio verbal como nominal, e o impacto que esta delimitação do argumento tem na telicidade da predicação. Egg (2021) comprova ainda que *glass of milk*, 'copo de leite', em particular, não é, por si só, cumulativo, nem quantizado, ao contrário de *liter of milk*, 'litro de leite', podendo ser encarado, com base nos trabalhos de Partee e Borschev (2012), como uma medida 'ad hoc', i.e., uma leitura de medição equivalente à quantidade que deverá ser representada pelo nome (neste caso, à quantidade de líquido que cabe numa medida standardizada equivalente a um copo). A secção é finalizada com a apresentação de uma breve discussão, baseada nos quadros teóricos existentes, acerca da possível relação entre quantização e telicidade, acompanhada de uma chamada de atenção para o facto de que nem sempre a relação oposta se verifica (i.e., entre cumulatividade e atelicidade), e das dificuldades que estas tentativas de correspondência têm causado na literatura, particularmente no referente à composição aspetual.

O capítulo avança para uma análise formal do tema da incrementalidade, em estreita articulação com a composição aspetual, mostrando que existe uma correspondência entre as partes da entidade (que constitui o referente do tema incremental) que são processadas e, simultaneamente, as partes da eventualidade em que estas se processam. Baseando-se em trabalhos anteriores de Krifka (1998), mais concretamente na importância que este autor dava aos papéis temáticos, Egg (2021) estabelece um conjunto de quatro propriedades dos papéis temáticos relevantes para a definição estrita do conceito de 'incrementalidade': participantes únicos (implica o processamento de apenas uma subparte da entidade em cada subparte da eventualidade), cumulatividade ("eventualities and their participantes can be *summed up* into larger eventualities with larger participantes", cf. Egg 2021: 107), mapeamento de sub-eventualidades (envolve a relação entre as entidades e eventualidades e as respetivas subpartes: para cada subparte da entidade que está a ser processada, há uma subparte da eventualidade que a processa) e, por fim, mapeamento de sub-objetos (representa a relação entre uma eventualidade e uma entidade: a cada parte da eventualidade, corresponde uma

parte da entidade). Em todos os casos, o autor assume que há, igualmente, um parâmetro geral, não só de participantes, mas também de eventualidades únicas. A apresentação deste conjunto de propriedades, devidamente acompanhada de fórmulas lógicas com correspondente leitura, permite ao leitor compreender que a definição da função de medição para a eventualidade *drink a glass of milk*, ‘beber um copo de leite’, pressupõe que cada porção da entidade *leite* ingerida nunca seja a mesma em cada parte de *beber* (i.e., em cada golo). Estas observações servem de base para o estabelecimento da seguinte conclusão: *drink milk* é uma expressão cumulativa, ao contrário de *drink a liter of milk*, que deverá ser tratada como quantizada.

Na quinta secção do capítulo em apreço, o autor estende as observações anteriores a casos de eventualidades representadas por verbos de movimento e *Degree Achievements*. Começa por apresentar o conceito de ‘measuring out’, inicialmente introduzido por Tenny (1992, 1994), que indica que os objetos diretos de verbos de tema incremental, ao sofrerem uma mudança ao longo do evento em que participam, acabam por delimitar temporalmente esse evento, i.e., existe uma relação entre as mudanças sofridas pelo objeto e a extensão temporal da eventualidade. Egg (2021) acaba por recusar este conceito, por considerá-lo demasiado abrangente, avançando para a análise dos verbos de movimento, considerando que é no argumento *path* (‘caminho’) que reside a parte incremental deste tipo de verbos. Apresenta duas perspetivas possíveis, uma que analisa o tema incremental como representando o conjunto de localizações sucessivas da entidade que se move, e ainda uma segunda, que toma “the notion of path as basic” (Egg 2021: 110). Este último caso representa uma relação de movimento, que expressa uma função de medição, baseada em duas propriedades: adjacência e mapeamento de objetos. A extensão da função de medição do argumento *path* a uma função de medição das eventualidades que descrevem movimento permite, assim, analisar estas eventualidades como quantizadas (cf. Krifka 1998). Desta forma, o estabelecimento de dois pontos – *source* e *goal* – permite o respetivo estabelecimento de um ponto inicial e final para a eventualidade. Na análise relativa aos *Degree Achievements*, estas noções, *source* e *goal*, são retomadas e parametrizadas relativamente a uma escala (constituída por graus). Neste caso, o verbo que projeta um *Degree Achievement* denota uma relação entre eventualidades, indivíduos (entidades) e graus, avaliando, em cada momento, o grau de mudança do indivíduo. Assim, a discussão acerca da composição aspetual dos *Degree Achievements* centra-se na ideia de que se trata de predicados com tema incremental, cuja mudança evidenciada na entidade ao longo da

eventualidade é dada por uma função de medição, que é introduzida na semântica do nome, através do conceito de Natural Unit (cf. Krifa 1992), particularmente no que diz respeito à medição da cardinalidade dos indivíduos. Esta inserção permite o estabelecimento de uma relação entre eventualidades e indivíduos, que, ao serem encarados como unidades naturais, passam a permitir uma correlação entre partes da eventualidade e partes do sintagma nominal, o que poderá contribuir para a explicação da diferença entre predicados como *comer uma maçã* e *comer maçãs*. A explicitação do conceito de unidade natural como uma função de medição permite estabelecer uma relação entre indivíduos, eventualidades e números (em vez de graus) e, conseqüentemente, torna-se possível fazer um mapeamento entre partes da eventualidade e números da entidade. Assim, em *comer maçãs*, é possível relacionar partes da eventualidade com o número de maçãs ingeridas (que, neste caso, deverá decrescer ao longo do evento).

Na sexta e penúltima secção, o autor discute a questão que tem vindo a preparar desde o início: a telicidade de eventos com argumentos incrementais não quantizados. Começando por assumir que alguns destes argumentos podem, no contexto do predicado em que ocorrem, ser interpretados como delimitados, o autor mostra que é possível individualizar estas entidades através do conceito de atomização. Serve-se, para isso, do conceito de *maximality* ('maximalidade') (cf. Löbner 1989) como critério para a atomização dos argumentos com tema incremental, i.e., as entidades passam a ser perspectivadas como sendo constituídas por átomos, para poderem ser contadas ou quantificadas, o que, por sua vez, permite a passagem de argumentos não quantizados a quantizados. Especificando o caso concreto sobre o qual o presente capítulo se tem ocupado, em *drink a glass of milk* ('beber um copo de leite'), o critério da maximalidade permite a introdução de uma medida standardizada ('ad hoc'), fornecida pelo sintagma nominal, 'copo de leite', o que possibilita a delimitação da eventualidade, tornando-a, por isso, télica.

Inserindo-se, também, na discussão acerca da telicidade dos predicados – em correlação com tipo de argumento –, Egg (2021) dedica a parte final da presente secção a uma tentativa de explicação do motivo que leva ao contraste entre predicados como *comer maçãs*, atéticos, e *comer algumas/a maioria das maçãs*, este último interpretado como télico. Como demonstra, através da sua exemplificação, *eat most apples* é compatível com temporais adverbiais do tipo '*em x tempo*' ("Amélie ate some/most apples in an hour" (Egg 2021: 113)). A reflexão passa, agora, a centrar-se no conceito de homogeneidade (que resulta da

combinação entre os conceitos de cumulatividade e divisibilidade³ das eventualidades). Assumindo que a não homogeneidade de uma eventualidade serve como critério para a combinação com temporais adverbiais do tipo '*em x tempo*', a explicação destes exemplos problemáticos (i.e., oposição *some apples – apples*) emerge: o autor assume que o plural, neste caso, é compatível com referência singular e até com partes da entidade descrita (como aponta, é possível falar em *0,5 maçãs*). Tal como o que acontece com nomes contáveis, que incluem uma função de medição que permite contar o número de unidades naturais das entidades, também *maçãs*, um bare plural, pode ser associado a uma função de medição, em que a associação ao plural vincula um número ao argumento, continuando, por isso, a possibilitar a contagem de unidades naturais das entidades relevantes e mantendo o predicado homogéneo (logo, incompatível com '*em x tempo*'). Pelo contrário, *comer algumas maçãs* configura um predicado não homogéneo, dado que o quantificador, *algumas*, obriga, neste caso, a que haja um número de unidades da entidade *maçã* igual ou superior a 1, o que explica a sua compatibilidade com '*em x tempo*' e, como consequência, a sua leitura télica.

O autor termina o seu capítulo com as conclusões, que constituem uma síntese muito breve do trabalho desenvolvido ao longo do texto, seguido dos devidos agradecimentos.

Ao enquadrar-se, de forma abrangente, na temática do Aspeto, que tem vindo a ser bastante estudada nos últimos anos, o capítulo que presentemente recenseamos analisa questões às quais não tem sido dedicada tanta atenção, particularmente no que concerne à importância concreta de argumentos específicos (como, por exemplo, os incrementais) na especificação da classe aspetual do verbo. A escrita de Egg (2021) é clara e concisa, e permite ao leitor acompanhar, não só as complexidades inerentes ao tema e à sua compreensão, mas também cada ideia que pretende defender. De facto, a organização do artigo e a apresentação da informação parece cuidadosamente pensada para que o leitor consiga formular, por si mesmo, as conclusões – em cada parte do capítulo – a que se pretende chegar. Assim, a leitura é leve e relativamente rápida, mesmo para quem não tenha conhecimentos aprofundados sobre Aspeto e Composição Aspetual, já que, para cada reflexão, são apresentados os devidos quadros teóricos. Gostaria, pois, de terminar a presente recensão com a recomendação da leitura do presente capítulo, não só por se tratar de um tema muito atual e debatido, sendo relevante para estudos semânticos que se enquadrem, tanto no domínio nominal, quanto verbal, mas também por ser de leitura leve e agradável.

³ Para mais sobre o conceito de divisibilidade, cf. Egg, 2021: 115.

Referências Bibliográficas

- Johnson, M. 2021. Compositionality. In *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed., Vol. 1, 297-324). Hoboken: Wiley.
- Rothstein, S. 2021. Count Nouns vs. Mass Nouns. In *The Wiley Blackwell Companion to Semantics* (1st ed., Vol. 1, 459-486). Vol. 1. Hoboken: Wiley.
- Dowty, D. 1979. Word meaning and Montague Grammar. Dordrecht: Reidel.
- Dowty, D. 1991. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67: 547-619.
- Krifka, M. 1989. Nominal Reference, Temporal Constitution, and Quantification in Event Semantics. In *Semantics and Contextual Expressions* (75-115). Dordrecht: Foris.
- Krifka, M. 1998. The Origins of Telicity. In *Events and Grammar* (197-235). Dordrecht: Kluwer.
- Löbner, S. 1989. German Schon – Erst – Noch: An Integrated Analysis. *Linguistics and Philosophy* 12: 167-212.
- Hay, J; Kennedy, C.; Levin, B. 1999. Scalar Structure Underlies Telicity in ‘Degree Achievements’ (127-144). In *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: CLC Publications.
- Kennedy, C. 2012. The Composition of Incremental Change. In *Telicity, Change, State: A cross-categorical view of Event Structure* (103-121). Oxford: Oxford University Press.
- Kennedy, C.; Levin, B. 2008. Measure of Change: The Adjectival core of Degree Achievements. In *Adjectives and Advbers: Syntax, Semantics and Discourse* (156-182). Oxford: Oxford University Press.
- Kennedy, C.; McNally, L. 1999. From Event Structure to Scale Structure: Degree Modification in Deverbal Adjectives (163-180). In *Proceedings of SALT 9*. Ithaca: CLC Publications.
- Tenny, C. 1992. The Aspectual Interface Hypothesis (1-27). In *Lexical Matters*. Stanford, CA: CSLI.
- Tenny, C. 1994. Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface. Dordrecht, Kluwer.
- Vendler, Z. 1967. Verbs and Times. In *Linguistics in Philosophy* (97-121). New York: Cornell University Press.
- Verkuyl, H. 1972. On the Compositional Nature of Aspects. Dordrecht: Reidel.